

DIÁLOGOS E CONTINUIDADES NO CAMPO RELIGIOSO: ENTRE A TRADIÇÃO DOS MESTRES DA JUREMA NORDESTINA E A INSTAURAÇÃO DO PRAGMATISMO DA UMBANDA

Ana Maria Valias Andrade Silveira

SALLES, Sandro Guimarães de. *À Sombra da Jurema Encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

O livro de Sandro Guimarães de Salles, intitulado “À Sombra da Jurema Encantada: Mestres Juremeiros na Umbanda de Alhandra”, versa sobre o Catimbó-Jurema. O autor procura revisitar a tradicional discussão sobre pureza e impureza das religiões afro-brasileiras, presentes desde a origem das produções intelectuais, tendo por marco a obra de Raimundo Nina Rodrigues, “O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos” de 1935¹.

O lócus da pesquisa apresentada se dá no cenário religioso de Alhandra, região do Estado da Paraíba, localizado no Nordeste do Brasil. O objetivo do livro é propor um en-

tendimento sobre a relação entre a tradição dos mestres juremeiros, tendo como referência os índios da antiga aldeia Aratagui, e a Umbanda com seus trâmites burocráticos, sendo institucionalmente amparada pelo Estado, o que privilegia o processo da introdução desta religião no cenário impar da Jurema Nordestina. O culto é analisado em uma propriedade chamada Acais, onde o autor busca compreender esse universo religioso que se apresenta de modo específico nesta região, bem como situar suas singularidades. Salles (2010) dedica um bom tempo descrevendo as primeiras pesquisas do culto. Para isso, o autor parte da década de 1930,

1. RODRIGUES, Raimundo Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

quando surgem os primeiros estudos sobre o tema, sendo considerada a Jurema no âmbito do catimbó, o que ocorre até os anos 1990, momento em que surgiram as primeiras pesquisas do culto no contexto da Umbanda.

Assim, a legitimação da Umbanda, frente à comunidade de juremeiros, onde tais práticas passam a substituir as chamadas mesas de Catimbó, contemplam os processos dinâmicos do continuum da religiosidade Afro-descendente em sua construção e reconstrução, mudanças e continuidades, permanências e rupturas. Nesse sentido, apresenta e problematiza a emergência de um novo culto, onde a Jurema passa a ser reinterpretada nos mais variados aspectos. Este livro é marcado pelo encontro de dois universos que renascem em uma prática comum, o qual tem como característica a interinfluência e as práticas de símbolos que circulam (PACHECO DE OLIVEIRA, 1998). O autor aborda as mudanças que foram vistas através de uma análise processual desde o surgimento e a formação dos aldeamentos até os resultados gerados. Há uma ênfase na interinfluência que a cultura indígena e a religião afro-brasileira tiveram neste processo, o que acarretaram inúmeras mudanças significativas desencadeadas tanto nas relações entre as pessoas e o culto, como o fato destas novas significações estarem ligadas a especificidades geográficas.

A obra de Salles, publicada em 2010, é uma versão revista da Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais/Antropologia, defendida em 2004 pelo autor, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sobre o culto da Jurema em Alhandra – PA. Salles fez Graduação em Música e Especialização em Etnomusicologia, ambas pela Universidade Federal de Pernambuco. Possui Doutorado em Antropologia e Pós-Doutorado na mesma área. A trajetória do autor demonstra a im-

portância da interdisciplinaridade e a frequência com que distintas experiências podem nos fornecer novas possibilidades. Já a trajetória intelectual do autor é marcada pela religião afro-brasileira, mais especificamente pela Umbanda e suas multifaces, e pelo culto da Jurema de forma mais específica.

Salles procura de modo sucinto e objetivo, sob um vocabulário bastante acessível e de fácil entendimento, produzir uma descrição dos relatos e dos rituais cultuados por seus protagonistas, destacando a importância dessas práticas que se configuram em cultos umbandizados, bem como a relevância desta tradição. Para isso, apresenta, de forma emblemática, o que representa este culto, tendo em vista a popularização da região de Alhandra como referência da Jurema Nordestina no Brasil.

O autor aborda alguns conceitos específicos da Antropologia contemporânea ao apresentar os primeiros estudos que foram realizados nesta área. Nesse sentido, demonstra insatisfação com abordagens que desprivilegiavam outros cenários de religiosidade mais sincréticos. Por isso, faz um trabalho sob novas perspectivas de análise do Culto da Jurema Nordestina.

O livro é composto por cinco capítulos. No primeiro, intitulado O legado indígena, Salles investiga, numa perspectiva histórica, o contexto indígena no período colonial, fomentando discussões sobre a colonização e suas influências, fortemente ligadas à Jurema. No segundo capítulo, O culto da Jurema em Alhandra e suas interfaces, o autor apresenta processos da dinamização e transformação do culto. Para isso tem como referência a propriedade do Acais, considerando a tradição, os personagens mais importantes da Jurema e a incorporação da Umbanda nesse processo. O terceiro capítulo – O cosmo religioso – versa sobre a siste-

matização do culto, tendo por base a crença dos terreiros de Umbanda configurados num cenário religioso da tradição de antigos mestres juremeiros. Assim, propõe analisar a circulação de elementos tanto da Umbanda como da Jurema na reconfiguração da prática religiosa. No quarto capítulo – O espaço de celebração –, o autor situa os três terreiros a que se propõe analisar. Descreve e analisa aspectos socioestruturais das casas, como se organizam, quem foi e são os dirigentes e quais as relações entre eles. Por fim, o quinto capítulo – Os rituais – descreve a ritualística da Jurema, sua peculiaridade e unicidade, bem como sua estrutura sincrônica, destacando os toques, as músicas, assim como expondo o sentido de tais práticas para seus adeptos.

Logo na introdução, é fácil apreender o que o autor pretende com a pesquisa apresentada, bem como os caminhos aos quais se dispõe a percorrer neste processo. Um enfoque primordial no âmbito do tema é o culto da Jurema aliada à prática da Umbanda. Dessa forma, o autor procura demonstrar o quanto há de singularidade na prática da Umbanda. De forma microscópica (GEERTZ, 1978), o autor descreve como se dá esta prática na região de Alhandra, buscando apreender a importância simbólica que estes cultos representam na vida dos adeptos.

O autor apresenta o culto da Jurema como um complexo semiótico (GEERTZ, 1978). Este culto possui suas bases mais sólidas nos cultos aos mestres, reis e caboclos, tendo em vista as notáveis influências nas origens dos povos indígenas da região nordestina. Essas práticas possuem imagens e símbolos voltados a um lugar sagrado, o qual é descrito pelos juremeiros. Esse lugar tem como característica uma bebida que é tradicionalmente consumida nas sessões. A utilização de plantas, raízes e cascas é um

dos sinais diacríticos mais marcantes do culto da Jurema. Trata-se de um valor simbólico de fundamental importância.

Quanto aos estudos recentes sobre a temática da região, Salles aponta autores que, ao versarem sobre os cultos, enfatizam a expressiva contribuição dos povos indígenas da região para a formação do culto da Jurema, cuja tradição era mantida pelas famílias descendentes desses índios. Ao citar autores que recentemente se envolveram com o tema, o autor chama a atenção para o crescimento e expansão da prática da Umbanda nessa região. Assim, muitas vezes, de forma implícita, expõe um divisor de águas entre a tradição da Jurema, originada dos povos indígenas, e a Umbanda, institucionalizada em um contexto completamente distinto.

De início, o autor refere-se ao autor Fredrik Barth (2000) como instrumento para justificar esta linha de pensamento, enfatizando a fecundidade que a Jurema apresenta. Sobre essa temática, afirma que não existem conclusões ou círculos fechados, marcadas por realidades fixas e descontínuas, discretas e bem definidas. Mas importa sustentar discussões, analisando as interações e os problemas que são gerados nas mediações, e os resultados que são gerados nas miscigenações, tendo como característica culturas e identidades em fluxo contínuo e constante.

No primeiro capítulo, o autor discorre sobre o período da colonização dos índios do nordeste, considerando a importância da Jurema, que de fato está presente nesse processo, demonstrando os conflitos existentes entre colonizadores e colonizados, bem como a racionalidade de alguns quanto à incapacidade de os índios de estabelecerem um pensamento lógico no que se refere a questões ligadas à religiosidade.

Ao afirmar que o culto à Jurema teve sua gênese na religiosidade dos povos indígenas

do nordeste e sua prática efetivada pelos índios no período colonial, o autor considera que se sabe pouco sobre a religiosidade dos índios, e pouco ainda sobre estes povos que não foram alvo de interesse de muitos antropólogos. Entretanto, é inegável que muitos elementos cultuados e construídos por esses povos foram formadores determinantes, sendo de fundamental importância para manutenção do culto religioso da Jurema. De modo contrário, versa sobre como a Jurema também serviu como legitimadora da identidade étnica e sua construção e manutenção para determinados grupos étnicos de índios nordestinos.

De modo geral, o autor demonstra a não passividade desses povos com relação às condições que lhes eram oferecidas. Dessa forma, existiam estratégias de resistências desses povos, que não necessariamente ocorriam em conflitos diretos e determinados, mas davam-se por meio de acordos, negociações e adaptações a mudanças no contexto sociocultural que ora se apresentava.

Barth (2000) e Pacheco de Oliveira (1998) chegam à mesma conclusão considerando que, ao passo em que as relações são construídas a partir das relações e mediações, há uma negociação e uma nova construção de identidade. Ao irem além de tais discussões, reforçam que essa necessidade de interagir com o outro advém de mecanismos criados no intuito de marcar as diferenças. Assim, desconsidera-se a ilusão de que o isolamento mantém a diversidade e busca-se apreender a mistura e a mediação cultural como forma de diferenciação e reafirmação. Quando o autor se propõe a analisar a natureza do culto da Jurema, de imediato já demonstra sua orientação teórica marcada pelo transacionalismo.

No segundo capítulo, por meio do contato com as pessoas de Acaís, o autor chega

aos terreiros estabelecendo uma interação com seus donos. A partir de um estudo em três casas de Jurema nesta região, criando vínculos e estabelecendo relações com os frequentadores, vai desenrolar um dos momentos mais férteis e importantes de toda pesquisa nos seguintes locais: Templo Religioso Orixá São João Batista, Centro Espírita do Mestre Zé Pilintra e Centro Espírita Ogum Beira-Mar.

Já no terceiro capítulo, o autor postula que a Umbanda em Alhandra é característica de um encontro entre dois universos inteiramente distintos, mas que também se complementam e se integram. De um lado, marcas diacríticas da Umbanda legitimada por seus personagens cultuados; de outro, personagens reconhecidos como fundadores mestres da Jurema, cultuados nos toques à Jurema. Nesse sentido, o autor descreve a estrutura dos rituais, segundo um entendimento dos próprios atores. Salles analisa como acontece esta interpenetração de elementos advindos da Jurema e da Umbanda, considerando os significados que circulam e suas continuidades.

No quarto capítulo, o autor descreve minuciosamente três terreiros que observou, situando-os e produzindo entendimento de como funciona esses espaços, demonstrando suas singularidades e similaridades. Num primeiro momento, esclarece o significado dos termos terreiro, casa, centro, com o objetivo de orientar quanto às casas que serão descritas posteriormente. A história destes terreiros é narrada num contexto etnográfico, descrevendo-os fisicamente, mostrando suas localizações e situando-os espacialmente. Analisam-se também os aspectos da estrutura social desses espaços, apontando seus dirigentes, contando a história dessas casas tanto de modo sincrônico como de modo diacrônico.

No capítulo 5, ao se utilizar da categoria “realizações culturais”, aborda o papel dos rituais que constituem uma determinada religião, demonstrando sua importância e função, envolvendo uma série de elementos que determinam e motivam de acordo com algumas concepções metafísicas. As sessões de toque, expostas nesse capítulo, são rituais públicos, de caráter socializador, transgressor e lúdico. É, ao mesmo tempo, um ritual religioso e uma festa. Assim, o autor esclarece esta relação e mediação estabelecida pelos próprios atores sociais, entre festa e religiosidade. (GEERTZ 1978).

No desfecho, o livro propõe algumas reflexões que estão integralmente relacionadas às novas teorias antropológicas da atualidade. A pesquisa, ao considerar a pouca visibilidade da Jurema no contexto dos estudos da religiosidade brasileira, bem como o comprometimento com a purificação do objeto estudado, fomenta e expõe as novas possibilidades e necessidades relacionadas ao foco de pesquisa das Ciências Sociais. Enfatiza que deve privilegiar a mistura e estar disposto a conhecer e a compreender os fenômenos religiosos que emergem nas relações sociais, estando sempre ligados às origens, desencadeando ressignificações pelo seu caráter da diversidade e pluralidade. O autor nos leva a observar a necessidade de novas perspectivas, novas epistemologias e métodos, para estarmos aptos a entender fenômenos criados no âmbito das relações e da interação social.

Ao desconstruir toda a busca da pureza, como foi retratada nos estudos das religiões afro-brasileiras em tempos remotos, o autor problematiza esta questão no culto da Jurema, considerando de forma muito sutil que a prática da Jurema se dá no entrosamento entre dois universos que, conforme a teoria antropológica enquanto análise com-

parativa, a qual privilegia culturas em isolamento, não se mistura. Tendo a Umbanda suas origens marcadas pela religiosidade africana e a Jurema como inspirações da cultura de povos indígenas do nordeste, a mistura se torna a marca desta análise, o que de fato ajuda a entender as inclinações teóricas metodológicas nas quais o autor vai se debruçar para delimitar sua pesquisa.

A construção é marcada pela fluidez e pela transitividade, em que os fatos que foram descritos e analisados foram respostas que os próprios atores forneceram ao autor por meio da experiência e da vivência entre eles. Tais reformulações e continuidades visam à manutenção, em que tudo o que esses grupos querem é viver, crescer. De fato, isto ocorre num processo contínuo e dinâmico. Desse modo, observa-se que a Jurema, apesar das inúmeras reformulações e reconstruções, continua ligada às origens de um cenário da situação colonial, nas quais viviam os índios do nordeste que foram os primeiros povos a serem colonizados no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. *O Guru, o Iniciador e outras variações Antropológicas*. Trad.: John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. *Uma etnologia dos índios misturados: situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. Mana: Rio de Janeiro, 1998.

NOTA SOBRE A AUTORA

Ana Maria Valias Andrade Silveira é mestrand-a do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Grande Dourados – MS. Graduada em Turismo com ênfase em Ambientes Naturais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Atualmente esta desenvolvendo uma pesquisa no campo religioso Afro Brasileiro.

Recebido em 24/05/2013

Aprovado em 19/07/2013